



SERMONÁRIO



MARCAS

de
Amor

Semana da Família

2025



Igreja Adventista
do Sétimo Dia

MARCAS
de
Amor

SERMONÁRIO

2025

DIVISÃO SUL-AMERICANA DA IGREJA ADVENTISTA DO SÉTIMO DIA

Direção geral: Ministério da Família – DSA

Autor: Pastor Robson Aleixo

Revisão: Departamento de Tradução – DSA

Diagramação e capa: Media Center – DSA

Ano 2025

A MARCA DO SANGUE NO BATENTE DA PORTA



A história da décima praga sobre o Egito é uma história emblemática de culpa, graça e libertação. A ênfase sobre a família é inquestionável, uma vez que a morte recairia sobre o filho mais velho. A ação simbólica de salvação é protagonizada pelo pai e a marca é colocada na entrada da casa da família. Uma casa marcada pelo sangue do Cordeiro é um lar onde a graça é a lógica dominante em todas as ações, e a dinâmica do perdão e a consciência do sacrifício são a sustentação do abrigo contra a morte e a ira que estão do lado de fora. Da mesma forma, a marca do sangue produz um comportamento no primogênito que, ao passar pela porta para fora, leva à distinção do pertencimento, graça e propósito para o restante da sua vida adulta.

Introdução

Certa vez, uma rede de televisão fazia uma matéria cujo conteúdo era mostrar modelos de casas, suas curiosidades e inovações. A casa que estava sendo demonstrada se destacava por muitas coisas: ela era realmente muito grande e seu design ostentava riqueza e bom gosto. Havia muitos recursos dentro dela e boas opções de lazer para crianças e adultos. Antes do programa acabar, a repórter se dirigiu ao caçula da família e perguntou o que ele mais gostava da casa onde morava. Sua resposta foi: “a porta”. Surpresa ela insistiu: “por que a porta?” Ele disse: “sem ela eu não consigo acessar nada do que tem dentro da minha casa”.

Uma resposta infantil e excelente. Não é por acaso que portas são mencionadas na Bíblia em muitos contextos importantes. Começando com o acesso ao Éden, a porta do coração de Caim e a entrada da arca de Noé até a porta diante da igreja de Filadélfia, a porta do coração de Laodiceia e as doze portas da Nova Jerusalém.

No segundo livro da Bíblia, o livro do Êxodo, encontramos um dos mais importantes eventos da história da humanidade. A saída do povo de Deus após séculos de escravidão no Egito é um episódio emblemático que apresenta de forma concentrada os elementos centrais do plano da redenção do homem do cativo do pecado. E é nessa história que vamos nos deparar com uma porta significativa o suficiente para ser ignorada.

Contexto bíblico

A Bíblia toda, por ser o livro do Deus Eterno, é feita de histórias entre histórias. E no Êxodo não é diferente. Então antes mesmo de nos concentrarmos ali, vamos voltar um pouco. Em Gênesis 1:27 lemos:

“Assim Deus criou o ser humano à sua imagem, à imagem de Deus o criou; homem e mulher os criou. E Deus os abençoou e lhes disse: Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na.”

A imagem de Deus, é retratada a partir de uma família. Homem, mulher e o fruto da fecundação, isto é, filhos. Essa imagem deveria, como resultado da bênção de Deus, encher a Terra e sujeitá-la em alinhamento com a vontade do Criador. O pecado, no entanto, foi o ato dramático

totalmente contrário à vontade de Deus para a humanidade e com ele a iminência da extinção da família humana pela morte em consequência da desobediência.

É na promessa de salvação feita por Deus que encontramos os elementos fundamentais para entender a profundidade e a importância da narrativa do Êxodo. Deus disse:

“Porei inimizade entre você e a mulher, entre a sua descendência e o descendente dela. Este lhe ferirá a cabeça, e você lhe ferirá o calcanhar. E à mulher ele disse: Aumentarei em muito os seus sofrimentos na gravidez; com dor você dará à luz filhos” (Gênesis 3:15,16).

A palavra hebraica usada em Gênesis para “descendência” é zar’āh, literalmente “semente” (como é usada em Gênesis 1:11 e 4:25). Três certas são colocadas a partir de Gênesis 3. A primeira é que o casal mesmo não morrendo naquele dia, voltaria ao pó, como de fato aconteceu. A segunda é que a morte deles não representaria o fim da humanidade porque esta seria preservada por meio da semente deles. E por fim, a semente iria continuar até que viesse o descendente (semente) prometido para redimir a humanidade da morte.

A graça se manifesta em favor da humanidade com ênfase inegável na vida dos filhos dos homens. A presença da semente de cada família é a lembrança constante de que a promessa do Salvador segue para o seu cumprimento. A presença dos filhos é o sinal da misericórdia de Deus para toda família humana. Os filhos, portanto, se tornam prioridade absoluta.

Logo nos primeiros versos de Êxodo lemos:

“Os filhos de Israel foram fecundos, aumentaram muito, se multiplicaram e se tornaram extremamente fortes, de maneira que a terra se encheu deles” (Êxodo 1:7).

Se pararmos para pensar um pouco já é suficiente para perceber a conexão entre este verso que contextualiza a história do Êxodo e a criação e propósito da humanidade em Gênesis. Em Gênesis existe o comando e em Êxodo há a constatação da ação, sede fecundos, foram fecundos; multipliquem-se, multiplicaram; enchem a terra, a terra se encheu deles. O cumprimento da promessa vem ameaçado pela presença de um

inimigo que se levanta justamente contra a semente. No primeiro capítulo o rei do Egito se propõe a matar todos os meninos do povo de Deus para impedir que Seu propósito se cumpra, isto é, os filhos são a concretização da certeza do plano de Deus em curso, mas também são o principal alvo do ataque do inimigo. O temor do Senhor presente no coração das parteiras é a primeira ação salvífica de Deus para com os filhos do Seu povo e, mais adiante, a experiência da Páscoa vai aprofundar a identidade na graça que inaugura a jornada dos filhos de Israel e a dos nossos filhos.

A décima praga, a Páscoa e a consagração dos primogênitos

O anúncio da décima praga trouxe um caráter especial para ela. Ao contrário das primeiras, a última cairia também sobre o povo de Israel. Também de forma singular, Deus anunciou uma forma de salvação da morte que cairia sobre todas as famílias no Egito à meia noite.

“Israel matará [o cordeiro] no crepúsculo da tarde. Pegarão um pouco do sangue e o passarão nas duas ombreiras e na viga superior da porta, nas casas em que o comerem. [...] O sangue será um sinal para indicar as casas em que vocês se encontram. Quando eu vir o sangue, passarei por vocês, e não haverá entre vocês praga destruidora, quando eu ferir a terra do Egito. Este dia lhes será por memorial, e vocês o celebrarão como festa ao SENHOR; de geração em geração vocês celebrarão este dia por estatuto perpétuo” (Êxodo 12:6,7;13,14).

Não se trata agora do livramento da fúria destruidora do inimigo que se levantou contra a semente prometida. O que vemos na décima praga é o caminho que Deus deu para que as famílias fossem salvas da dívida que tinham para com Ele. No que diz respeito à vida, não há nenhuma diferença entre as famílias do povo de Deus e as famílias do restante do mundo. Não há distinção porque todos pecaram e carecem da glória de Deus (Romanos 3:23).

O que se desdobra, mais uma vez, diante de nós, é a importância que o povo de Deus deve dar à sua descendência. A promessa de salvação, tal como em Gênesis, se caracteriza especialmente na vida dos filhos.

Deus salva da extinção concedendo a linhagem, e no decorrer do caminho, Ele age para preservar os “filhos e os filhos dos filhos”. Adão e Eva entenderam ao ouvir o anúncio de Jesus de que a semente nascida da mulher esmagaria a cabeça da serpente (Gênesis 3:15) e que ela em dor daria luz a filhos (16) e que os filhos, portanto, são prioridade absoluta porque são a concretização da graça de Deus para a humanidade.

Aplicação

O sangue no umbral da porta marcou o lugar onde a morte não entrou. É importante pensar que o anjo vingador passou por cima dos lares onde o cordeiro morreu, mas por essa mesma porta a família deveria passar. Qual era o impacto de parar diante da porta e olhar para a marca em seu batente? É saber que o fundamento daquela casa não se resume à solidez que seus construtores se preocuparam em achar abaixo da superfície, mas na graça salvadora encontrada no Senhor.

Podemos perder horas, dias, anos ou talvez uma vida inteira tentando sustentar nossa vida em algum outro fundamento. Alguns serão certamente muito importantes, porém quando se trata do acesso à comunhão, alegria e paz, a porta é a graça perdoadora que está na superfície do pensamento de pais e filhos que sabem que pela misericórdia de Deus estão vivos e se tornam, portanto, canais dessa misericórdia. Quando os filhos sonharem com o futuro, seja ele profissional ou matrimonial, devem saber que o acesso ao amanhã só é encontrado ao se achar o sangue nos umbrais da casa.

Vivemos em uma sociedade cronicamente adoecida e somos afetados por ela, inevitavelmente. Suas marcas são a competitividade, o individualismo e a independência. Neste cenário, a misericórdia se espreme para encontrar lugar onde ela não é aceita, porém a mesma sociedade tem que lidar com o fato de que não é possível achar alguém que não tenha falhas ou um ambiente onde as pessoas não se ferem.

A Bíblia nos chama insistentemente a refletir sobre a centralidade do sangue do Cordeiro na vida das famílias da Terra. Paulo rogou para que apresentássemos nossos corpos como sacrifício vivo a Deus sem deixar

de destacar que tudo isso só é possível pelas misericórdias Dele. Na oração do Senhor, o perdão ao próximo é concedido pelo perdoado por Deus inseparavelmente.

Que nossa oração hoje seja: Pai querido, que o sangue do Cordeiro seja claramente visto nos umbrais do nosso lar e que ao entrar todos saibam que a misericórdia do Senhor é a razão dos planos, da esperança e dos sonhos. E que, ao sair, a misericórdia vivida em casa seja a maneira como encaramos com louvor todos os movimentos da vida, estendendo-se àqueles que precisam conhecer o amor de Deus.

A MARCA DA LEI NO BATENTE DA PORTA



O*shemah* Israel é um texto sobre identidades. Ele diz quem é Deus e, de maneira grandiosa, apresenta ao povo santo o Deus único. O chamado à adoração é seguido de um comando para a transmissão desses princípios por meio de um falar contínuo e da sinalização na testa, na mão e mais uma vez no batente da porta. Da mesma forma que o sangue do cordeiro, as portas das moradas do povo de Deus são marcadas pela lei do Senhor. A casa se torna, assim, um ambiente de segurança e desenvolvimento pela instrução do Senhor; os relacionamentos são justos, e o centro da vida, apontado pela lei, é claramente visto.

Introdução

A identidade é, com certeza, um dos grandes temas da atualidade. É impossível entrar em contato com qualquer mídia sem que esse assunto apareça. Ao longo da história, as identidades têm sido definidas pelo local de nascimento, pela profissão da família, pelo grupo social, pela cultura, pela religião e, a cada novo momento, novos elementos são acrescentados à identidade.

Hoje podemos pensar que existe uma verdadeira fixação pelo tema, o que nos leva a refletir sobre a angústia de uma geração pela insegurança de não ser. Infelizmente, os caminhos escolhidos têm se mostrado miseravelmente falhos e as dores estão cada vez maiores. Ansiedade, decepções seguidas de desencantamento com a vida, a procura autodestrutiva por satisfação por meio de recursos viciantes — que não são necessariamente químicos — na era em que a oferta de dopamina é abundante. Tudo isso em consequência de um anseio por querer ser e pertencer.

Não se pode ignorar a falência do coração humano em ser coerente. Por isso, olhar para si mesmo à procura de uma identidade que satisfaça o vazio está fadado ao fracasso porque nossos sentimentos mais profundos não se alinham, não se harmonizam, não dialogam entre si e são contraditórios. Além disso, nossa ideia de nós mesmos é por natureza instável, isto é, nossos desejos não apenas são incoerentes, mas também são mutáveis. Somos pessoas diferentes e estamos sujeitos a transformações em cada evento da vida. Um luto ou mesmo a chegada de um filho são momentos da vida que nos mudam. Também podemos afirmar que nossa identidade, ao contrário do que afirmam as ideias do nosso tempo, não pode vir de sentimentos, pois a maioria deles não conhecemos. Além disso, não pode ser encontrada nos traços de personalidade que usamos para nos definir, exatamente porque escolhemos alguns em detrimento de outros ou, pior ainda, alguém está escolhendo isso por nós.

Contexto bíblico

“Escute, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Portanto, ame o SENHOR, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força. Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão

no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos. E você as escreverá nos umbrais de sua casa e nas suas portas” (Deuteronômio 6:4-9).

Chama a atenção a ordem para amar, e não poderia ser diferente, pois entendemos o amor pelo princípio de que ele requer liberdade. Devemos ouvir Deus falando para as famílias de Israel, primeiro dizendo que esse amor é um amor total: a vontade inteira está sob o domínio do amor, todos os sentimentos estão sujeitos a ele e não há nada sendo poupado no que diz respeito à sua intensidade. Existe, sim, e fundamenta o chamado de Deus, o exercício da vontade; do contrário, nem mesmo essa frase existiria. Deus deseja que Israel queira.

Obviamente, o Deus de Israel não é um ser carente e necessitado; pelo contrário, a divindade é satisfeita em si mesma. Isso significa que o chamado de Deus não é por causa Dele, é por nossa causa. Deus não precisa que suas decisões sejam orientadas pelo nosso amor, mas se apresenta amoroso e salvador, deixando bem claro que o princípio da nossa vida deve ser o amor que temos por Ele.

Brilha diante de nós a realidade revelada por Deus: a lógica de Sua lei e a lógica de Seu amor e graça são a mesma. Ele deve estar no centro de tudo, exigindo amor total e obediência total.

Vamos meditar sobre alguns importantes desdobramentos do chamado de Deus.

Primeiro, Deus se apresenta como único Senhor. É claro que somente Ele no Universo todo detém o que pode caracterizar uma divindade. Somente Ele, portanto, existe como Deus, mas isso não significa que não podemos criar substitutos para Ele em nossos pensamentos e práticas. Nossa vida pode ser orientada pelas leis do trabalho, do mercado, do dinheiro. Podemos sim, estar sujeitos às ideologias e políticas humanas como deuses sobre nós. Sendo o coração humano uma fábrica de ídolos, a lista pode crescer infinitamente. Ter a Deus como único Senhor é uma escolha que deve ser lembrada constantemente.

Segundo, é impossível não adorar a Deus e não ser um idólatra. A escolha de não se submeter a Jeová como único Senhor levará a pessoa

inevitavelmente a se submeter a outro domínio sobre ele. Isso significa que se colocarmos outros deuses diante Dele, haverá outra lei sobre nós porque deuses criam suas próprias leis. Portanto, se o primeiro mandamento for quebrado, não restará nenhum sentido em seguir os outros, porque se houver outro deus na vida, haverá inevitavelmente outro código de leis e outros pecados. Vamos pensar um pouco no que aconteceu na queda do homem no Éden. “Como Deus sereis conhecedores do bem e do mal” foi a frase que Eva ouviu da serpente. Satanás cria para a mulher uma “salvação” em um mundo onde não há perdidos. Para que isso aconteça, ele apresentou a Eva uma artificialização da realidade onde o código de conduta e comportamento é a lógica dele. “Seus olhos se abrirão” isto é, “você precisa ser salva da sua cegueira”. O inimigo se posiciona no lugar de Deus, e deste lugar ele cria suas próprias leis e conseqüentemente seus próprios pecados e assim, seguindo essa lógica, Eva concluiu que o erro naquele dia era não comer o fruto.

Terceiro, o amor e a lei de Deus, além de serem inseparáveis como fundamentos lógicos do Seu governo, também não se separam de nenhuma atividade da vida. É importante aqui lembrar que a Palavra de Deus não divide a realidade em espiritual e material, o paganismo que sustenta este engano, Deus separa as coisas entre espirituais e carnis. Isso significa que as palavras que Ele ordenou devem ser ensinadas e praticadas, assentados: em casa, ao caminhar, no repouso do anoitecer e ao despertar pela manhã. A lei do Senhor deve estar fundamentando os pensamentos (frontal entre os olhos) e produzindo as ações (sinal na tua mão).

Aplicação

Deus ordenou que Sua vontade fosse escrita em cada membro da família, marcando nossos filhos nas mãos e na testa, significando a sujeição dos pensamentos e das ações. Da Palavra de Deus para o nosso coração. Das nossas mãos para as mãos dos nossos familiares, da nossa mente para a mente deles. Mas Sua ordem vai além disso, Ele disse que a lei deve estar escrita nas nossas portas. É maravilhoso pensar que a submissão ao governo de Deus está marcada como sinal no mesmo lugar onde a marca da Sua graça está destacada.

A obediência ao Senhor é o poderoso mecanismo gerador de identidade. Sede santos porque eu sou santo, disse Deus, nisto conhecerão que sois meus discípulos, se amarem uns aos outros. O que esses versos indicam? Que em todas as leis, Deus nos ordena a buscar a Sua imagem. Identidade e pertencimento. Duas coisas caríssimas para a vida humana em qualquer tempo. Não há nenhuma possibilidade de haver saúde nos relacionamentos familiares se a marca do lugar onde se refugiam não seja a obediência ao Senhor. Não há nenhuma segurança no desenvolvimento se não houver os limites visíveis que indicam para onde se está desenvolvendo. O salmista afirmou no Salmo 91 que a verdade de Deus é proteção e escudo.

Somos tentados pela cultura ao nosso redor a entender o amor pela efemeridade de um sentimento, mas Jesus nos revela que o amor é um estado do ser que é identificado por um código de conduta:

“O amor é paciente e bondoso. O amor não arde em ciúmes, não se envaidece, não é orgulhoso, não se conduz de forma inconveniente, não busca os seus interesses, não se irrita, não se ressentido do mal. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. O amor tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta” (1 Coríntios 13:4-7).

Nossa oração hoje deve ser: Pai, que minha casa tenha as marcas do Teu Reino e que seja desejo de todos que o Teu Reino e a Tua vontade triunfem sobre todo Universo, mas que, hoje, Ele já esteja governando o coração de todos do meu lar. Que a Tua lei nos umbras das portas da minha casa seja o guardião infalível contra a invasão de qualquer ídolo e que o amor de todos por Ti seja facilmente reconhecido na manifestação da vontade de Te ver feliz com a nossa obediência. E assim possamos descansar em saber que a Tua vontade é o sustentáculo da união, alegria, identidade e pertencimento da nossa família. Amém.

A MARCA NA MÃO



A marca na mão está no contexto do “ouve Israel”, como um lembrete da aliança de Deus com Seu povo. Mais do que isso, o amor, como base do mandamento uma vez colocado no coração, isto é, no centro da vontade da vida, aparecerá como uma marca distintiva nas ações. A lei do amor de Deus deve ser uma característica do nosso comportamento moral e deve ser fundamentalmente importante na nossa forma de produzir, servindo como determinante da nossa consciência de propósito. O argumento central é o aspecto proativo da lei na solidificação das vocações.

Introdução

“Posso ver a sua mão?” Essa foi a pergunta inusitada que a minha esposa me fez logo no primeiro encontro que tivemos. Fui pego de surpresa, mas não escondi a minha mão, ela olhou com atenção, tocou e não disse mais nada. Bem, acredito que a resposta que ela procurava foi encontrada pois já se passaram vinte e três anos. Ela procurava primeiramente coerência. Minhas mãos iriam afirmar ou negar o tipo de atividade que minha boca anunciava. Nem todas as atividades deixam cicatrizes ou calos como os das minhas mãos naquele dia, mas nossas mãos sempre sinalizam o que fazemos.

Contexto bíblico

No relato da criação do mundo em Gênesis, Deus nos é apresentado como trabalhador. Sua ação criadora revela seu caráter e consequentemente suas intenções. Atente para a ação de Deus no terceiro dia:

“E Deus disse: Que a terra produza relva, ervas que deem semente e árvores frutíferas que deem fruto segundo a sua espécie, cuja semente esteja no fruto sobre a terra. E assim aconteceu. E a terra produziu relva, ervas que davam semente segundo a sua espécie e árvores que davam fruto, cuja semente estava nele, conforme a sua espécie. E Deus viu que isso era bom. Houve tarde e manhã, o terceiro dia” (Gênesis 1:11-13).

Deus primeiramente ordena, distingue, dá um propósito e, por fim, exclama a Sua aprovação. O mesmo se dá na criação dos corpos celestes:

“E Deus disse: Que haja luzeiros no firmamento dos céus, para fazerem separação entre o dia e a noite; e sejam eles para sinais, para estações, para dias e anos. E sirvam de luzeiros no firmamento dos céus, para iluminar a terra. E assim aconteceu” (Gênesis 1:14, 15).

Mais uma vez, o Criador dá uma ordem para que haja, no quarto dia, luzeiros; Ele os distingue nomeando-os e, em seguida, ordena seu propósito: “sirvam de...” e, em seguida, diz que era bom.

Da mesma forma o homem é criado. Deus declara a Sua intenção:

“E Deus disse: Façamos o ser humano à nossa imagem, conforme a nossa semelhança. Tenha ele domínio sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus, sobre os animais domésticos, sobre toda a terra e sobre todos os animais que rastejam pela terra” (Gênesis 1:26).

Note que o Criador dá a Sua palavra de ordem para em seguida distinguir o homem de todo o restante da criação, ele é feito à imagem de Deus. O seu propósito se estende no mandato de Deus para que o ser humano tenha domínio sobre a Terra. No verso 31, Deus vê tudo o que fez e diz que era “muito bom”.

Mas tudo isso tem um sentido incompleto se não considerarmos o destino para qual o trabalho de Deus se propõe a atingir. Erra quem afirma que o ponto mais elevado da semana da criação é o sexto dia quando o homem é formado. Pois no final de sua obra Deus diz:

“Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e tudo o que neles há. E, havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis 2:1-3).

Tudo o que Deus faz com o Seu trabalho (obra) leva à exaltação do Seu nome. O sábado é o destino para qual se segue desde o primeiro dia da semana da criação. O trabalho, tal como ele foi dado ao homem, tem como objetivo a adoração ao Criador. Por isso, Ele ordenou para que o homem fizesse da mesma forma.

Aplicação

Podemos concluir que, desde a Criação, a lei de Deus está inseparavelmente ligada a qualquer ação executora feita na Terra.

A Palavra de Deus não apresenta a Sua lei como um mero conjunto de ordens ou proibições, mas como o meio pelo qual Deus confronta o erro, estabelece a justiça, defende os fracos e promove o bem público, além de oferecer um padrão de identidade pelo qual o ser humano, criado à imagem de Deus, possa dominar sobre a Terra sem contrariar essa representação de Deus nele mesmo. Uma das formas de sutil negação da religião de Cristo e conseqüente ataque à Sua existência é a

proibição de que ela seja predominante na cosmovisão pública. Atente: Quarenta e três dos sessenta e seis livros da Bíblia (exceto Jó) estão em um contexto público, coletivo e comunitário.

A lógica de um reino é flagrante, inegável e material. Não há possibilidade de pensarmos no cristianismo de forma essencial fora do público, político, coletivo, filosófico, intelectual, acadêmico, econômico e material. Ele nasce a partir da formação de um povo/estado-nação. Dizer que o cristianismo não pode existir na esfera pública e dizer que o cristianismo não pode existir é a mesma coisa.

“Escute, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Portanto, ame o SENHOR, seu Deus, de todo o seu coração, de toda a sua alma e com toda a sua força. Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos” (Deuteronômio 6:4-8).

O amor de Deus é uma marca nas nossas mãos. E mãos marcadas marcam. O chamado de Deus em Deuteronômio faz com que Suas palavras sejam lembradas nas mãos dos Seus filhos. É claro que isso é muito mais do que a ordem para o uso de um adereço. Deus quer que nosso lar seja uma plataforma de lançamento de abençoadores para o mundo. Ele chama e promete. No Salmo 121, o salmista testifica a promessa no verso 5: “O SENHOR é quem guarda você; o SENHOR é a sombra à sua direita.” O que significa que Deus atua no nosso trabalho e nos concede propósito e descanso Nele.

Somos como pais, educadores e líderes, os agentes de Deus na formação da consciência de vocações. O sinal nas mãos revela a quem pertencemos e ele somente é caracterizado como sinal se as pessoas ao nosso redor tiverem suas vidas afetadas pela benção do nosso trabalho em favor delas.

Que a nossa oração hoje seja: Senhor, que as Tuas mãos estejam atuando através das minhas, que minhas mãos marcadas marquem os que comigo moram e que minha casa seja um centro operacional do Teu plano de abençoar o mundo. Livra-me de viver um propósito concentrado em mim mesmo, mas que o amor que em mim implantaste seja facilmente visto, para a glória do Teu nome, Amém.

A MARCA NA TESTA



Existe um pensamento característico que identifica aquele que tem experiência na graça de Deus e no temor derivado da consciência de Sua soberania. Essas características são apresentadas ao mundo de forma indisfarçável. A Bíblia ressalta a importância da transmissão e do desenvolvimento dessas características que se manifestam em pessoas que organizam a vida pela lógica do amor de Deus, e essa mesma lógica serve como proteção para suas mentes. A igreja e a família se destacam na Bíblia como instâncias de fomentação do pensamento de Deus em Seu povo, tal como destaca Seu povo como exemplo de completude como resultado de um pensamento oriundo da sabedoria de Deus.

Introdução

A realidade é sempre mais complexa do que os instrumentos que utilizamos para compreendê-la. Por exemplo, a riqueza de informações contidas em uma única célula é incomparavelmente maior do que o que podemos saber sobre o microscópio. Da mesma forma, não dá para comparar a grandeza do Universo com o tamanho do telescópio. Isso é verdade para a ciência como também é para a Bíblia. Jesus afirmou isso em João 5:39 ao dizer aos estudantes das Escrituras que ela é uma lente pela qual O compreendemos. Jesus é maior do que a Bíblia.

Porém, devemos atentamente notar que não é possível ter uma compreensão da realidade sem o domínio dos instrumentos dispostos para auxiliar nisso. Não dominar o manuseio do microscópio infere na baixa ou equivocada compreensão da célula ou de qualquer coisa que o microscópio permite ver. Assim, quanto menor é o conhecimento da Palavra de Deus menor é o conhecimento de Deus. Da vontade de Deus tudo veio a existir, portanto, podemos também dizer que sem conhecimento de Deus não há conhecimento verdadeiro sobre qualquer outra coisa.

Contexto bíblico

O instrumento divino de compreensão de toda realidade material é a Sua lei.

Quando Deus criou tudo o que existe, Ele também criou o relacionamento entre todas as coisas e, junto com isso, Deus estabeleceu regras para esse relacionamento. A luz e as trevas, por exemplo, uma vez separadas no primeiro dia da criação, se relacionam por meio de regras. Por isso, entendemos o sentido da sombra, seu formato, etc. O mesmo pode se dizer sobre as plantas. Quem tem uma plantinha em casa sabe que a quebra de qualquer regra sobre ela pode custar a vida da planta, por isso, nos informamos se ele deve estar à sombra ou exposta ao sol, qual o tipo de solo e assim por diante. O mesmo sentido nos levará à criação do homem e ao desdobramento de suas relações – inicialmente, a partir das regras (aliança) entre os homens (homem e mulher). Essas regras de relacionamento e a interdependência entre eles chamamos de aliança. Toda inteligência, portanto, está diretamente relacionada à lei.

“O temor do SENHOR é o princípio do saber”, escreveu Salomão em Provérbios 1:7. Já vimos essa semana que a lei de Deus deve ser um fundamento do nosso lar. Devemos também compreender que a sabedoria e a lei do Senhor são inseparáveis. Vamos meditar sobre alguns princípios importantes da sabedoria:

Primeiro princípio: Não existe sabedoria fora dos limites da lei. Pense na lei como as paredes de uma caixa. A sabedoria só pode ser encontrada dentro dela. Qualquer coisa, por mais inteligente que pareça, fora da circunscrição da vontade expressa de Deus é estultícia. A sabedoria é a aplicação da vontade de Deus em todas as áreas da vida. Salomão estava diante de uma situação em que duas mulheres reivindicavam a legitimidade da maternidade sobre um recém-nascido. Não vamos encontrar nenhum mandamento dizendo o que fazer numa situação como essa, no entanto, a decisão tomada para ser sábia não deve contrariar o que todos os mandamentos dizem. Neste caso, entrou em operação a sabedoria que provém do mesmo poder de onde vieram os mandamentos.

Segundo princípio: A sabedoria se manifesta como traço de comportamento. Escute o que Tiago disse sobre isso:

“Quem entre vocês é sábio e inteligente? Mostre as suas obras em mansidão de sabedoria, mediante a sua boa conduta. [...] Mas a sabedoria lá do alto é, primeiramente, pura; depois, pacífica, gentil, amigável, cheia de misericórdia e de bons frutos, imparcial, sem fingimento. Ora, é em paz que se semeia o fruto da justiça, para os que promovem a paz” (Tiago 3:13;17,18).

Muito mais do que uma definição de competência ou potência cerebral, a Bíblia nos diz que a sabedoria é manifestada em relacionamentos e demonstrada em pureza, gentileza, imparcialidade, sinceridade, misericórdia e paz. A sabedoria é fruto do Espírito e, como se pode facilmente notar, suas características são as mesmas descritas por Paulo em Gálatas 5:22. Isso nos leva a concluir que sabedoria é um sinal de Deus em seus filhos, pois nenhum desses traços de comportamento podem ser escondidos ou disfarçados.

Terceiro princípio: A sabedoria se adquire, se aprende e se desenvolve. Sobre o desenvolvimento de Jesus, o texto diz: *“E Jesus crescia*

em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lucas 2:52). O desenvolvimento físico, mental e espiritual é apresentado como concomitantes e em plena harmonia e conformidade no relacionamento com Deus e com os homens. Tiago também fala que podemos recorrer a Deus como fonte de sabedoria e, certamente, receberemos Dele (Tiago 1:4 e 5). Agora, é de imensa importância pensar na maneira como Deus escolheu que a aquisição, e o desenvolvimento acontecesse. Salomão, no mesmo contexto em que diz que o temor do Senhor é o princípio da sabedoria vai dizer:

“Meu filho, ouça o ensino de seu pai e não despreze a instrução de sua mãe. Porque serão um diadema de graça para a sua cabeça e colares para o seu pescoço” (Provérbios 1:8, 9).

A palavra que Salomão usa é torah (lei, instrução). A torah da sua mãe, é uma coroa na cabeça. Mais uma vez, afirmando que o que pensamos comunica a quem pertencemos. Escrevendo a Timóteo, Paulo afirmou:

“Quanto a você, permaneça naquilo que aprendeu e em que acredita firmemente, sabendo de quem você o aprendeu e que, desde a infância, você conhece as sagradas letras, que podem torná-lo sábio para a salvação pela fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus e útil para o ensino, para a repreensão, para a correção, para a educação na justiça, a fim de que o servo de Deus seja perfeito e perfeitamente habilitado para toda boa obra” (2 Timóteo 14-17).

Os princípios estão todos presentes nesses versos: o instrumento, a fonte e o resultado esperado. Timóteo aprendeu a ser sábio por meio das Escrituras transmitidas pela sua mãe, e o resultado é a habilidade para toda boa obra.

Aplicação

A cultura dominante nos pressiona a compreender a declaração das Escrituras Sagradas de forma reduzida, limitando o temor do Senhor à fonte de sabedoria e conhecimento religioso. No entanto, a afirmação diz exatamente o contrário: todo e qualquer conhecimento depende e deriva da verdade conhecida por meio da religião de Cristo.

Há coisas importantes que devemos considerar a partir do que nos foi revelado, especialmente diante de um contexto contemporâneo caracterizado como uma fábrica de doenças de mente. O sinal na testa é um mecanismo de proteção, pois não se trata apenas de se defender dos assaltos ideológicos do mundo, mas de ter a mente estruturada pela mente de Cristo. Deus disse a Israel:

“Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se. Também deve amarrá-las como sinal na sua mão, e elas lhe serão por frontal entre os olhos” (Deuteronômio 6:6-8).

Somos agentes ativos enquanto família e igreja no processo de selar na fronte os servos de Deus. O instrumento escolhido por Deus para marcar a testa significando um pensamento sábio e submisso ao Eterno é a educação em família. Tem sido a minha casa um local de desenvolvimento da sabedoria celeste? Tenho sido um instrumento divino para inculcar o temor do Senhor aos meus filhos?

Que a nossa oração hoje seja: Senhor, que a Tua graça em mim não encontre barreiras, mas que se manifeste de forma salvadora, educandome e, a partir de mim, formando um povo reconhecidamente sábio e habilitado para toda boa obra. Amém.

A MARCA DA ALIANÇA



A circuncisão é a marca da aliança de Deus com Seu povo no Antigo Testamento. A marca implica diretamente no propósito de Deus de se fazer conhecido pela humanidade através de um povo. A aliança de Deus com Abraão está diretamente conectada à aliança de Deus com o casal edênico na ordem para a multiplicação e a consequente expansão da imagem de Deus. Da mesma forma, a grande comissão para a Igreja crescer e fazer discípulos de todas as nações têm a marca relacionada ao ato de gerar: o batismo como novo nascimento. A fé verdadeira reflete no exterior uma realidade interior, a de nascer de Cristo e para Cristo. Da família de Adão na criação e queda; na família de Abraão na formação do povo de Deus e nas famílias de fé na Igreja hoje.

Introdução

Em uma sociedade organizada, os contratos estão por toda parte, neste momento, cada um nós estamos vivendo pela vigência de pelo menos um, mas se pensarmos mais um pouco, tenho certeza de que vamos nos surpreender com a quantidade deles. E não poderia ser diferente, pois temos necessidades importantes demais para não serem garantidas por algo ou alguém de nos dar segurança. Na cultura ocidental, neste tempo em que vivemos, é esperado que, ao firmar um contrato, haja um documento em que os termos estejam descritos, assim como os dispositivos legais referentes a possíveis quebras de contrato. A Bíblia apresenta em toda a sua extensão o relacionamento entre Deus e a humanidade de forma pactual, e a isso chamamos de aliança. O termo nos remete a pensar imediatamente em um anel dourado que os casados usam na mão esquerda e podemos afirmar que esse pensamento não é contrário ao que a Bíblia apresenta, porém, devemos compreender a amplitude e a suprema importância da aliança de Deus conosco e como ela está diretamente relacionada com a nossa família.

Contexto bíblico.

Comprendemos pela Bíblia que na história da redenção do homem as alianças ocupam um papel preponderante. Podemos perceber com muita clareza que na estrutura deste pacto existem características fundamentais:

1. Aliança une pessoas;
2. Aliança é uma questão de vida ou morte;
3. Assim como há a expectativa de uma disposição mental (interna) para o cumprimento da aliança, também existe um símbolo externo que representa a aliança estabelecida;
4. Deus não refaz alianças contrariando as anteriores.

Nos diálogos de Deus com a humanidade no Éden, já notamos Deus explicitamente garantindo ao homem a alimentação (Gênesis 1:29), a reprodução (Gênesis 1:28), o domínio sobre a Terra (Gênesis 1:26) e o companheirismo (Gênesis 2:25). Deus também requer do homem obediência voluntária (Gênesis 2:16, 17).

Notamos também que existe um símbolo visível da aliança do Criador com o casal feito à Sua imagem:

“Assim, pois, foram acabados os céus e a terra e tudo o que neles há. E, havendo Deus terminado no sétimo dia a sua obra, que tinha feito, descansou nesse dia de toda a obra que tinha feito. E Deus abençoou o sétimo dia e o santificou; porque nele descansou de toda a obra que, como Criador, tinha feito” (Gênesis 2:1-3).

Os símbolos físicos da aliança também trazem suas características:

1. O sinal é inconfundível e indisfarçável;
2. O sinal distingue pessoas;
3. O tratamento com o sinal é reflexo da postura com a aliança por completo.

Deus manifestou Seu propósito na criação do homem e da mulher e este propósito consistiu em encher toda a Terra com a glória Dele. O homem feito à imagem de Deus, ao crescer, multiplicar e encher a Terra, espalharia a imagem de Deus por toda a sua extensão. Deus não mudou o propósito quando a humanidade caiu. Pelo contrário, Ele fez Sua aliança conosco e confirmou Sua vontade no decorrer da história.

Em Gênesis 3 podemos notar:

1. A continuidade da reprodução, em vez da extinção (Gn 3:16).
2. O sustento (alimentação) proveniente do trabalho do homem sobre a terra (Gn 3:17).
3. A continuidade do casamento e do companheirismo (Gn 3:16)

Aplicação

No decorrer da história vamos perceber os elementos da aliança se repetindo, primeiramente com Noé e depois com Abraão. Na gênese do povo de Deus, a reprodução ocupa mais uma vez um papel central. A glória de Deus vai se espalhar sobre a Terra por meio do crescimento do Seu povo. O sinal está presente, distinguindo o povo de Deus dos demais povos do planeta. No entanto, devemos nos concentrar na função da nossa família e da igreja. Para a Sua igreja, Jesus disse:

“Portanto, vão e façam discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que tenho ordenado a vocês. E eis que estou com vocês todos os dias até o fim dos tempos” (Mateus 28:19, 20).

Jesus ordena que Seu povo se reproduza, mas a ordem não está centrada na reprodução biológica aqui, e sim na geração de filhos na fé (2 Timóteo 1:2; 1 Pedro 5:13). De Adão e Eva a Abraão e Sara, e deles ate nós, hoje.

A relação que deve existir entre pais e filhos, marido e esposa, famílias e igreja é de aliança, não a aliança feita nos nossos termos, mas na soberania de Deus e de Seu propósito de glorificar-se sobre a Terra. Portanto, a reprodução, tanto biológica quanto por meio da pregação do evangelho gerando filhos na fé, não pode ser reduzida a um crescimento quantitativo somente. A razão primordial é a imagem de Deus sendo refletida ao mundo nessas pessoas. Assim, também, não devemos jamais basear qualquer relacionamento nas coisas que sentimos, mas, nos termos da aliança que foi feita com Deus acima de tudo, tanto quanto aos irmãos na fé como aos membros da família. O comprometimento visível do pacto sagrado não pode ser diminuído em sua importância porque Deus assim o quis para distinguir os Seus e para ser luz para os que procuram a verdade.

Que a nossa oração hoje seja: Deus a quem chamamos de Pai, que para além do abrigo e manutenção da nossa vida, que minha casa seja Teu centro operacional para espalhar a Tua glória no mundo, que nosso visível compromisso contigo seja um sinalizador para os que Te procuram. Amém.

MARCAS DA HERANÇA: O NOME DO PAI



A fé é muito mais do que um acessório que guardamos quando nossa vida precisa de um impulso, especialmente em uma carreira na qual estamos ficando para trás. A fé é um elemento constituinte da nossa identidade, de maneira que, sem ela, perdemos completamente todos os fundamentos necessários para a saúde, relacionamentos e serviço.

Introdução

A fé é um princípio ativo da vida que se caracteriza por ser dinâmico e indisfarçável. Ela jamais será autogerada; pelo contrário, a fé é recebida como herança na adoção do Pai. A crença confiante em Deus é central para a identidade cristã. Ela não é apenas uma característica opcional, mas um elemento constitutivo sem o qual a vida do crente se desmorona. A fé é o alicerce que sustenta todas as áreas da nossa vida: saúde, trabalho, relacionamentos e serviço. Sem ela, perdemos completamente os fundamentos necessários para viver de forma plena e significativa. Além de identificar a fé como um dom — ou seja, não autogerada, mas concedida e desenvolvida pelo Espírito Santo — a Bíblia associa a fé a uma herança destacando a família como agência divina na formação de pessoas fiéis.

Contexto bíblico

Um dos exemplos mais claros de transmissão de fé dentro da família é encontrado na vida de Timóteo. Em 2 Timóteo 1:5, o apóstolo Paulo escreve:

“Lembro da sua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em sua avó Loide e em sua mãe Eunice, e estou certo de que habita também em você.”

A vida de Timóteo demonstra como a fé pode ser passada de uma geração para outra, influenciando profundamente as vidas daqueles que a recebem. A fé de Timóteo foi nutrida e fortalecida pelo exemplo de sua avó e mãe, mostrando a importância da família como veículo da herança espiritual.

O texto bíblico que temos usado nessa semana não deixa nenhuma dúvida sobre a família como plano de Deus para o desenvolvimento da fé e a sua transmissão:

“Estas palavras que hoje lhe ordeno estarão no seu coração. Você as inculcará a seus filhos, e delas falará quando estiver sentado em sua casa, andando pelo caminho, ao deitar-se e ao levantar-se.” (Deuteronômio 6:6-7).

O mandamento de Deus para o Seu povo traz para a superfície do pensamento a responsabilidade dos pais de ensinar os filhos a viverem uma vida de fé, criando um ambiente onde os valores e as verdades de Deus são continuamente reforçados. Uma vez recebida a herança da fé, ela será o fundamento das marcas que nos identificam como família de Deus e servem de luz para o mundo.

A marca da nossa identidade

A fé em Deus é o que define quem somos como cristãos. Em Hebreus 11:1, a fé é descrita como “a certeza daquilo que esperamos e a prova das coisas que não vemos.” Essa certeza e confiança em Deus moldam toda a nossa existência. Sem fé nossa identidade se torna instável, pois ela é o que nos conecta à realidade de Deus e ao propósito que Ele tem para nós. O apóstolo Paulo repete essa verdade em Gálatas 2:20: “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou por mim”. A fé não é apenas um aspecto da vida cristã; ela é a própria essência de viver em Cristo. Sem ela, perdemos o sentido de quem somos e da nossa razão de existir.

Marcas da nossa saúde

A saúde física e emocional também está profundamente conectada à nossa fé. Em Provérbios 3:5-8, somos instruídos:

“Confie no Senhor de todo o seu coração e não se apoie em seu próprio entendimento; reconheça o Senhor em todos os seus caminhos, e ele endireitará as suas veredas. Não seja sábio aos seus próprios olhos; tema ao Senhor e evite o mal. Isso lhe dará saúde ao corpo e vigor aos ossos”.

Aqui, a confiança em Deus é apresentada como um caminho para a saúde e bem-estar. A ansiedade, o medo e a incerteza, que são destrutivos para a saúde, são dissipados pela fé em um Deus que cuida de nós e dirige os nossos caminhos.

Marcas do nosso trabalho

Nosso trabalho também deve ser fundamentado na fé. Colossenses 3:23-24 nos instrui:

“Tudo o que fizerem, façam de todo o coração, como para o Senhor, e não para os homens, sabendo que receberão do Senhor a recompensa da herança. É a Cristo, o Senhor, que vocês estão servindo”.

Essa visão confronta radicalmente o que o mundo entende como o objetivo do trabalho. Ele deixa de ser apenas uma atividade econômica ou uma tarefa a ser cumprida e se torna uma forma de serviço a Deus. Sem fé, o trabalho pode se tornar vazio, desprovido de propósito e significado, e uma fonte de adoecimento.

A marca dos nossos relacionamentos

Nos relacionamentos, a fé em Deus é o que nos permite amar e perdoar, mesmo quando é difícil. Em Efésios 4:32, Paulo nos exorta:

“Sejam bondosos e compassivos uns para com os outros, perdoando-se mutuamente, assim como Deus os perdoou em Cristo”.

O perdão e a graça que experimentamos em nosso relacionamento com Deus se tornam o modelo para nossos relacionamentos com os outros. Sem fé, não conseguimos praticar o amor sacrificial e o perdão genuíno, fundamentais para relacionamentos saudáveis e duradouros.

As marcas do nosso serviço

O serviço cristão também é enraizado na fé. Em 1 Coríntios 15:58, Paulo nos encoraja:

“Portanto, meus amados irmãos, mantenham-se firmes e que nada os abale. Sejam sempre dedicados à obra do Senhor, pois vocês sabem que, no Senhor, o trabalho de vocês não será inútil”.

A fé nos dá a certeza de que nosso serviço a Deus tem valor eterno. Ela nos motiva a continuar servindo, mesmo quando os resultados não são imediatamente visíveis, sabendo que Deus vê e recompensará cada ato de serviço feito em Seu nome.

Aplicação

A crença confiante em Deus é, de fato, um elemento constitutivo da nossa identidade cristã. Sem fé, perdemos completamente os fundamentos necessários para viver de maneira saudável, significativa e plena em todas as áreas da vida. A fé não apenas nos define como cristãos, mas também nos capacita a viver de acordo com o propósito de Deus em saúde, trabalho, relacionamento e serviço. Ela é o alicerce sobre o qual toda a nossa vida deve ser construída, garantindo que, em todas as circunstâncias, possamos permanecer firmes e inabaláveis, confiando Naquele que é fiel para completar a boa obra que começou em nós (Filipenses 1:6).

A fé é, portanto, uma herança preciosa, transmitida tanto pela família quanto pela comunhão com a comunidade de fé ao longo da história. Ela é fortalecida pelo exemplo daqueles que vieram antes de nós e se manifesta em nossas vidas à medida que nos entregamos à ação do Espírito. Seja através da instrução cuidadosa dos pais ou do comprometimento com nosso desenvolvimento pessoal, somos chamados a viver de maneira que esta herança continue a ser passada para as próximas gerações, assim como foi para nós. Como o salmista diz: “Uma geração contará à outra a grandiosidade dos teus feitos; eles anunciarão os teus atos poderosos” (Salmo 145:4).

Que nossa oração hoje seja: Senhor grato sou pela herança de fé que recebi e me entrego a Ti para ser um elo que mantenha viva a fé a ser transmitida através de mim. Amém.

AS MARCAS DO DESENVOLVIMENTO



Devido à nossa natureza corrompida pelo pecado, temos uma vida em constante luta. No entanto, mesmo em luta, no processo educacional de Deus ao nos santificar, existe a necessidade de compreender os indicadores de desenvolvimento espiritual. Podemos estruturá-los em três fases: a primeira é a resistência, este é o momento em que nos recusamos a fazer a vontade de Deus. A segunda fase é a sujeição, esta é caracterizada pela vontade de fazer o que Deus quer mesmo que nosso impulso seja outro; por fim, a terceira fase é o alinhamento, quando nossa vontade é a mesma que a de Deus mesmo que não sejamos perfeitos em executá-la. Deus está usando todos os instrumentos ao seu dispor para o nosso desenvolvimento e a família ocupa papel central neste processo.

Introdução

Devido à nossa natureza pecaminosa, temos uma vida em constante luta contra o pecado. No entanto, mesmo em luta, no processo educacional de Deus ao nos santificar, existe a necessidade de compreender os indicadores de desenvolvimento espiritual. Podemos usar como ilustração o desenvolvimento de uma planta. Que cuidados precisamos ter para que a semente se torne uma árvore frutífera, ou um belo arbusto florido? Assim, é o desenvolvimento da nossa vida espiritual e de nossa família. Há indicadores de desenvolvimento espiritual.

A partir do contexto bíblico, vamos ver cada um desses indicadores mostrando o papel fundamental da família nesse desenvolvimento.

Contexto bíblico

O contexto bíblico está em Romanos 6 e Tito 3.

O desenvolvimento de um relacionamento com Deus, como podemos verificar na Bíblia, é um processo gradual e contínuo, no qual o ser humano avança em direção a um conhecimento e uma união cada vez mais profundos com Ele. Esse processo pode ser entendido em três fases distintas: primeiro é quando Deus nos encontra no pecado e rebeldia contra Ele, depois a obediência mesmo quando essas vontades estão em conflito e, por fim, o alinhamento da vontade humana com a vontade divina. Em cada uma dessas fases, a família desempenha um papel fundamental como instrumento de Deus para guiar, apoiar e nutrir o crescimento espiritual dos seus membros.

A rebeldia e o papel da família

A primeira fase da relação com Deus é a rebeldia, o estado caído do ser humano que se caracteriza pela resistência do homem em submeter-se à vontade de Deus. A rebeldia é identificada pelo desejo de seguir os próprios caminhos, ignorando a vontade de Deus.

Neste contexto, a família é o primeiro ambiente onde os valores, os limites e as orientações de vida são estabelecidos. Em Gênesis 18:19 diz:

“Porque eu o escolhi para que ordene aos seus filhos e a sua casa depois dele, a fim de que guardem o caminho do SENHOR e pratiquem a justiça e o juízo, para que o SENHOR faça vir sobre Abraão o que lhe prometeu”.

Esse versículo reflete o papel central da família, especialmente dos pais, de instruir e orientar seus filhos desde cedo. O quinto mandamento se alinha com os primeiros quatro no sentido de estabelecer, pela vontade de Deus, a autoridade sobre o ser humano. E traz pela obediência à lei uma barreira de proteção contra as consequências da rebeldia:

“Honre o seu pai e a sua mãe, para que você tenha uma longa vida na terra que o SENHOR, seu Deus, lhe dá” (Êxodo 20:12).

A família, contra a rebelião do coração, atua como um farol de esperança e orientação. Mesmo quando um membro se rebela, a família é chamada a manter-se firme nos ensinamentos de Deus, oferecendo amor, paciência e suporte, aguardando o momento em que o coração rebelde se renda ao Espírito Santo.

A rebeldia traz consigo as suas marcas. E inevitavelmente causará adoecimento e desarmonia nas relações. A marca da rebelião de Caim contra Deus foram os golpes fatais que ele proferiu contra o seu irmão.

A obediência e o papel da família

A segunda fase do desenvolvimento espiritual é a obediência que ocorre quando o ser humano, reconhecendo sua condição falível e caída, decide submeter-se à vontade de Deus. A obediência é o primeiro passo concreto em direção a uma vida espiritual, mental e física saudável, e não é possível sem confissão e arrependimento.

A família é, neste momento, o núcleo de apoio essencial, encorajando e reforçando a decisão de viver conforme os mandamentos divinos. Em Efésios 6:1-4, Paulo escreve:

“Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo. Honra a teu pai e a tua mãe, que é o primeiro mandamento com promessa, para que te vá bem, e vivas muito tempo sobre a terra. E vós, pais, não provoqueis à ira a vossos filhos, mas criai-os na disciplina e instrução do Senhor”.

É fundamental compreender a obediência neste momento porque ela se manifesta incontornavelmente diante daqueles que representam a autoridade divina na vida do indivíduo, tal como os pais são o reflexo da longanimidade do amor e do cuidado divino, também são o reflexo de Sua autoridade. O reconhecimento da autoridade e infinita superioridade de Deus na vida de alguém também é reconhecida pelas suas marcas. Um coração, nesse momento, mesmo em luta contra a sua própria vontade ou lógica se sujeita ao que Deus falou por causa de quem Ele é. Pedro nos dá uma frase que sintetiza este momento quando Jesus efetuou um milagre no seu barco. Disse Jesus:

“Leve o barco para o lugar mais fundo do lago e então lancem as redes de vocês para pescar. Em resposta, Simão disse: Mestre, havendo trabalhado toda a noite, nada apanhamos; mas, sob esta sua palavra, lançarei as redes” (Lucas 5:4-5).

Pedro obedeceu a Jesus não porque fazia materialmente sentido a Sua palavra, mas porque reconheceu que é Jesus que dá sentido a todas as coisas.

O Alinhamento da Vontade Humana com a Vontade Divina e a Família

A terceira fase do crescimento na direção do propósito de Deus é o alinhamento da vontade humana com a vontade divina. Nesta fase, o indivíduo não apenas obedece a Deus por obrigação, mas passa a desejar aquilo que Deus deseja. Esse é o ponto que o Espírito Santo quer nos levar no processo de desenvolvimento, onde a vontade do homem e a vontade de Deus se tornam uma só e a alegria do coração humano está em adorar. O salmista expressou em poesia: *“Agrada-me fazer a tua vontade, ó Deus meu; a tua lei está dentro do meu coração” (Salmo 40:8).*

Josué declara: *“Eu e a minha casa serviremos ao Senhor” (Josué 24:15).* Esse versículo reflete o ideal de uma família que, unida, decide viver em sintonia com a vontade de Deus.

Quando a família, como um todo, busca esse alinhamento, ela se torna um poderoso instrumento de Deus na formação de seus membros. Nessa fase, as decisões, os planos e os sonhos da família são submeti-

dos à vontade divina, e cada membro é encorajado a discernir e seguir a vontade de Deus em sua própria vida.

Aplicação

A paternidade/maternidade exerce papel importante na nossa compreensão do caráter de Deus. A identidade servil é o ponto culminante da maturidade na fé.

A compreensão da vontade de Deus para conosco é fundamental para a saúde mental de cada familiar.

A oração em conjunto, o estudo da Bíblia, o envolvimento na missão e o culto familiar tornam-se práticas centrais, ajudando cada membro a crescer em maturidade espiritual.

Que a nossa oração hoje seja: Senhor, aprofunda a Tua presença na minha vida e que o meu desenvolvimento impulse o crescimento de todos ao meu redor. Leva-me a querer tudo o que Tu queres e a rejeitar tudo o que não Te agrada. Amém.

AS MARCAS DE DEUS



Jesus Cristo carrega consigo as marcas da redenção. Mais do que sinais de sofrimento, as cicatrizes de Deus são os sinais de certeza de que a ferida do pecado é vencida Nele. As marcas de Jesus são as marcas da cruz que Ele carregou, lembrando-nos de que a visibilidade dessas marcas é um argumento contra o mundo e para a Sua glória. Ao mesmo tempo, a visão das marcas do Salvador é um antídoto contra a desesperança em relação às nossas feridas.

Introdução

Ao percorrer as páginas da Bíblia nos deparamos com as muitas formas como Deus expressa o Seu relacionamento conosco. Ele nos chama de filhos e nos ensinou a chamá-Lo de Pai. Muitas vezes - a maior parte das vezes - somos chamados de servos e instados a nos dirigir a Ele como Senhor. Uma das mais conhecidas formas com que Deus nos chama é de ovelhas, sendo Ele o nosso Pastor.

Em todas as formas, destaca-se uma relação de pertencimento: os servos são tratados como filhos, os filhos são uma nação de primogênitos e o Bom Pastor dá a vida pelas Suas ovelhas.

O que se destaca também, e com magnífica importância, é que Deus se revela em Jesus Cristo de todas essas formas também. Jesus é o filho encarnado submisso ao Pai, Ele é o servo sofredor e é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo.

Contexto bíblico

O Bom Pastor e o Cordeiro

Difícilmente, de forma pronta, o caráter orgulhoso do ser humano iria escolher identificar-se com uma ovelha. Ovelhas são animais extremamente dependentes, não possuem garras, presas ou qualquer característica de agressividade ou mesmo capacidade de defesa. Não são rápidas nem tampouco corajosas, enxergam mal, são vulneráveis a doenças e possuem uma inteligência limitada. Elas são o exato oposto dos animais que preferimos como nossos emblemas de bravura: leões, águias, lobos. Se alguém encontrar uma ovelha em boas condições de saúde, e com boa lã, certamente o mérito é do pastor que cuida dela. “Vós sois minhas ovelhas”, disse Deus. E o Pastor amado as conduz e é disposto a dar a vida por elas.

Mas é importante destacar aqui que ao nos chamar de ovelhas ou cordeiros, Deus não está desvalorizando a obra de Suas mãos, muito pelo contrário, as ovelhas são o alvo do precioso cuidado e amor do Pastor. No último livro da Bíblia, encontramos:

“Jamais terão fome, nunca mais terão sede, não cairá sobre eles o sol, nem qualquer outro calor forte, pois o Cordeiro que está no meio do trono os apascentará e os guiará para as fontes da água da vida. E Deus lhes enxugará dos olhos toda lágrima” (Apocalipse 7:16).

O livro revela o rebanho de Deus sendo apascentado pelo Cordeiro de Deus. Temos umas poderosas e abençoadas lições aqui, começando por entender que a realidade do pecado nos cega para a realidade da perfeição em Deus. Não temos nenhuma referência em um contexto totalmente caído do que podemos ou devemos ser tanto em identidade quanto em sucesso. Falamos exaustivamente de progresso e evolução sem termos a clareza de para onde estamos evoluindo e progredindo como pessoas, famílias ou sociedade. Em Sua graça, Deus nos alcançou no ponto onde caímos e nos ofereceu, em carne, um alvo para o qual devemos prosseguir. Cristo encarnado revela quem Deus é, o que Ele quer de nós e para nós; revela também quem somos e o que seremos em Cristo.

Podemos nos alegrar porque em Jesus temos uma identidade não imaginada, pelo contrário, ela é presente tanto na história humana como agora como o Cordeiro que está assentado no centro do trono. E isso nos livra do cansaço que envolve uma autodefinição. Qualquer construção de identidade que não venha de fora de nós (de Deus), será inevitavelmente confusa, falha e competitiva. Ou seja, ela depende das características opostas dos outros para se delinear e, pior ainda, depende das falhas alheias para se definir como precisa e dos fracassos dos outros para ser entendida como bem-sucedida.

No Cordeiro, podemos viver a alegria do propósito e da aceitação. A marca da encarnação revelada em Jesus nos permite ser representados no Céu. Jesus afirmou: “ninguém vem ao Pai se não por mim”. O pecado nos separou tragicamente do trono do Pai, mas em Jesus podemos nos dirigir a Ele:

“Tendo, pois, Jesus, o Filho de Deus, como grande sumo sacerdote que adentrou os céus, conservemos firmes a nossa confissão. Porque não temos sumo sacerdote que não possa se compadecer das nossas fraquezas; pelo contrário, ele foi tentado em todas as coisas, à nossa

semelhança, mas sem pecado. Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça para ajuda em momento oportuno” (Hebreus 4:14-16).

Aplicação

Há um Cordeiro que nos representa no Céu, e Ele nos levantou para um propósito sublime: representá-Lo na Terra, chamando-nos a viver como Suas testemunhas. Nossa vida aqui tem por objetivo mostrar a face do Cordeiro para que Seu amor, Sua justiça e Sua glória sejam conhecidas.

Quando somos confrontados pelas nossas falhas seja como pais, cônjuges, filhos ou mesmo como partes do Corpo de Cristo, o peso da culpa nos fere a alma. Nenhum de nós pode pretender ter uma família perfeita. Na verdade, é o contrário disso muitas vezes nos encontramos correndo desesperadamente para permanecer no mesmo lugar e não sermos devorados pelos ataques do mundo.

Se a visão de quem somos e o que fazemos não for seguida pela visão de Deus e do que Ele faz, esse contato com o evangelho parecerá mais uma colisão do que um encontro. Carregamos as marcas de Deus, assim como carregamos as nossas marcas da estrada, as feridas causadas pelas quedas. Neste momento, nosso olhar deve se voltar para as marcas de Deus, que se identificou conosco e levou nossas feridas sobre Si. Suas cicatrizes serão eternas para que as nossas sejam passageiras.

Que a nossa oração hoje seja: Deus meu, eu Te louvo pela redenção em Cristo Jesus, que não apenas morreu por mim e pela minha família, mas também vive para que possamos nos achegar a Ti com confiança. Permita-me ver Tuas marcas e que essa visão me leve a ter mais amor e confiança na Tua graça. Amém.



Igreja Adventista
do Sétimo Dia®

MINISTÉRIO DA FAMÍLIA